

Cartografando memórias sobre a inserção de Canoas na Região Metropolitana de Porto Alegre

*Cleusa Maria Gomes Graebin
Tamara Cecilia Karawejczyk Telles*

Pensamos Canoas como objeto de desejo a ser explorado, a partir das percepções de moradores e autoridades constituídas, sobre a inserção do município na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), constituída legalmente com Base na Constituição Federal de 1967¹ e Emenda Constitucional de 1969², instituída pela Lei Complementar Federal 14 de 08/06/1973. Propomos, por leituras de imagens, de entrevistas realizadas com canoenses que habitavam a cidade entre os anos 1960/1970, de discursos de Prefeitos da época, de obras literárias que enfocam personagens, territórios e momentos da vida urbana e de matérias jornalísticas, como o município provocava afetividades. Trata-se de experiência de imersão pelos ditos de outros, de pensar a cidade como organismo, como campo de atravessamentos de subjetividades de seus moradores e de partilha entre si, das coisas do cotidiano, compondo a sua imagem “[...] *mergulhado nas intensidades de seu tempo*”, apropriando-nos de concepções de Rolnik (2011, p. 23).

Nosso roteiro de preocupações está relacionado às estratégias do desejo de parte de moradores e autoridades, de tornar a cidade como integrante destacada entre as demais da RMPA. Para captarmos os sentidos da formação dos desejos, as sensibilidades e as singularidades das situações, buscamos intimidade com fontes que compõem coleções de documentos das seguintes instituições: Museu Histórico La Salle (Universidade La Salle) e Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira (Canoas).

Pensamos a cidade como corpo atravessado por inquietudes, passageiro (pois em constante transformação), movente, pulsante, com suas es-

¹ Art. 157, §10.

² Art. 164.

pacialidades e territorialidades existenciais, com campos de força. Queremos nos aproximar das adjacências das mutações, dos processos de produção dos desejos, da criação de sentidos, para a compreensão do nosso objeto de estudo.

Iniciamos partindo de nossos próprios corpos, em exercício ético e político: uma mulher preta, descendente de pessoas escravizadas, hétero, construindo olhar decolonial e feminista; uma mulher branca, descendente de imigrantes russos, hétero, feminista, espiritualizada. Encontramo-nos na construção de novas epistemologias, portanto, não temos uma base e referências históricas comuns, o que facilita, de certa maneira, não fazermos afirmações categóricas, mas definições provisórias.

Isto posto, iniciamos o exercício de composição cartográfica de movimentos entre as décadas de 1960-1970 que levaram Canoas a integrar a RMPA. Informamos que, das fontes consultadas, a maioria é proveniente de homens brancos héteros, de segmentos sociais favorecidos, o que, reconhecemos, mostra a fragilidade do lugar comum do olhar, mas, ao mesmo tempo, nos dá a liberdade da leitura a partir de nossos próprios corpos e os de quem receber este texto.

Acreditamos que uma cidade não pode ser apreendida no seu todo, pois

[...] não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas do para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2000, p. 7).

As cidades estão sempre a se dar a ver, a projetar um futuro. Portanto, sabemos que é impossível apreender Canoas nas suas diferentes nuances e, como pesquisadoras do campo de estudos em memória social, estamos em um tempo presente – como a cidade –, o qual se renova permanentemente.

Cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares (PESAVENTO, 2007, p. 17).

Ainda, somos mulheres como das tantas migrantes da cidade, vivendo os seus diversos tempos e seus muitos espaços, seus movimentos de cons-

trução e reconstrução de novas realidades. Reconhecemos e observamos, seguindo as reflexões de Agier, que:

uma [...] cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo [...] a cidade já não é considerada uma coisa que eu possa ver nem um objeto que eu possa apreender como totalidade. Ela transforma-se num todo descomposto, um holograma perceptível, apreensível e vivido em situação (AGIER, 2010, p. 38).

Assim, nos pusemos a buscar olhares sobre Canoas e, mesmo que nosso recorte temporal anunciado seja aquele entre as décadas de 1960-1970, retrocedemos à década de 1930, prospectando emoções, desejos, afetos e sensibilidades que percorriam seu corpo, no encontro com os corpos de seus moradores e/ou pessoas que por ela circulavam.

Mergulhando nas escritas sobre os inícios da cidade, buscamos, inspiradas em Rolnik, “[...] *intensidades buscando expressão*” (2011, p. 66). Iniciamos pela obra de Érico Veríssimo, *Um lugar ao sol*, publicada em 1936. Pelos olhos de Clarissa, o autor nos apresenta o povoado, na época Distrito de Gravataí. A personagem havia saído com sua família, após fugir de perseguições políticas, do interior do Rio Grande do Sul, para Porto Alegre – a capital –, buscando reconstruir suas vidas. Como professora, Clarissa pensava em trabalhar em uma escola próxima ao local em que viviam, mas foi nomeada para Canoas, um povoado separado da cidade pelo Rio Gravataí. Na descrição sobre a dimensão urbana em *Um lugar ao sol*, percebemos a experiência da professora:

Canoas é o mesmo que Porto Alegre (p. 94).

Canoas era bonito. Com suas vivendas no meio de jardins verdes e floridos. Ouvia-se o canto de passarinhos. Um silêncio fresco envolvia as casas, as árvores e as criaturas [...] lindas paisagens de campos, arrozais e vilas, pontes e riachos [...] p. 112.

[...] Quando vou para Canoas vejo os jardins floridos, as casas mais alegres, de janelas abertas e os campos e as árvores estão com um verde mais bonito.

Estas percepções estão presentes, também, na construção de memórias de diferentes agentes, homens e mulheres que, aproveitando a proximidade de Canoas da cidade de Porto Alegre, adquiriram terrenos em loteamentos que se espalharam pelo espaço. Vindos de diferentes lugares, passaram a habitá-lo, produzindo diferentes modos de existir, alguns dedicando-se ao trabalho em fábricas criadas em Porto Alegre e outros exercendo atividades no próprio povoado.

Walter Galvani (PENNA *et al.*, 1994, p. 31) traz uma Canoas dividida em grandes colônias (granjas habitadas por imigrantes alemães) nas décadas de 1920 e 1930. Segundo ele, a urbanização foi:

[...] sem plano nenhum, sem projeto nenhum [...] as pessoas que trabalhavam em Porto Alegre achavam que era bom morar em Canoas, era como se fosse um grande bairro de Porto Alegre. Havia o transporte ferroviário muito bom na época, com vários trans durante o dia [...] Na década de trinta os ônibus se instalaram. [...] Bom, então com essa facilidade de transporte coletivo, Canoas foi sendo povoada e cada vez mais povoada. [...] A cobertura vegetal de Canoas era tão grande, que sempre havia uma diferença na temperatura de dois ou três graus abaixo da temperatura de Porto Alegre (1994, p. 31).

Eva Palma da Silva lembra da parte central de uma cidade (ainda um povoado pertencente a Gravataí):

[...] perfumada [...] um lugar sossegado [...] tinha muitas flores, jardins. a gente ficava apreciando aquele perfume, aquela fresquinha e a imagem que a estação (férica) nos transmitia de Canoas era de cidade de veraneio (PENNA *et al.*, 1994, p. 33).

Outras vezes nos dão conta de outra Canoas, não tão bela e atrativa. O Cônego Engelberto Hartmann, morador de Canoas a partir de 1941, relata a partir de suas memórias que:

[...] a primeira vez que passei por Canoas foi em 1935, quando fomos ver a exposição Farrroupilha, o centenário dos Farrapos. Canoas era um vilarejo adormecido. Havia uma igreja inacabada, bolorenta, a torre um pouco acima do telhado. [...] casinhas chatas, casas bisonhas [...] uma venda que tinha de tudo [...] era o único comércio da cidade (PENNA *et al.*, 1994, p. 29).

Corroborando com Hartmann, Lagranha (PENNA *et al.*, 1994, p. 29-30) informa que o “*centro de Canoas [...] era um lugarejo com barro, meia dúzia de casas*”.

Na construção das memórias, percebemos alguns pontos em comum como a presença de cobertura vegetal, clima ameno, um povoado construído sem planejamento, mas que atraía cada vez mais moradores.

O poeta Adilar Signori, refletiu sobre as errâncias, em sua crônica “Sem título”:

[...] por que não podemos permanecer em nossa terra natal, e elas [as pessoas] vão morar em outras localidades? Trocam as suas raízes e começam tudo novamente. Deixam para trás o clima de confiança e paz, onde todos se conhecem. Em minha opinião, o ideal seria continuarmos na terra de origem. Será apenas a busca de novas oportunidades? Ou uma vontade frenética por mudanças? Sei lá. Tantas podem ser as causas! Pensando bem, estes anseios às vezes não passa de utopias. Por isto, muitos dos caminhantes conhecidos que vejo, sei que não nasceram nesta cidade (2022, p. 90).

Também nós, autoras, partindo de nossos próprios corpos, temos experimentado o viver e construir nossas vidas nesta cidade, projetando maneiras para dar conta de nossas necessidades, a fim de suprir nossos desejos. Assim, com base em nossas vivências e anseios, podemos tangenciar os rastros do cotidiano daqueles que viveram em Canoas em outros tempos. Como moradoras da cidade, apuramos nosso olhar sobre todas as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, de uma dita cidade-veraneio, cidade-dormitório, cidade-industrial, para um município inserido na Região Metropolitana de Porto Alegre e nas nossas vidas cotidianas. Antes, fazíamos muitas coisas na capital do Estado, para, aos poucos, irmos nos voltando para a vida da cidade, deixando nossos corpos se deleitarem com o lugar que escolhemos para viver e conviver.

Em seus primeiros tempos de município, emancipado em 27 de junho de 1939, de acordo com memórias de moradores, o espaço possuía diversos capões³, colinas e várzeas, riachos, pequenas propriedades rurais, plantações de arroz, núcleos de famílias estabelecidas desde as primeiras décadas do século XX, com reforço entre as décadas de 1930 e 1940, com a vinda de imigrantes de diferentes nacionalidades, em função da Segunda Guerra Mundial. Havia um crescente número de migrantes do interior do Rio Grande do Sul no movimento de êxodo rural, operários e operárias em busca de trabalho em indústrias de Porto Alegre e, também, na própria cidade que passava a abrigar fábricas e comércio em crescimento. Entre 1934 e 1940, Canoas teve, para além da via férrea, inaugurada em 1874, uma faixa de cimento que também fazia sua ligação com a capital, a criação dos Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros Ltda. e a instalação do 3º Regimento de Aviação, que concorreram para a sua emancipação do município de Gravataí.

No anseio de pensar a cidade, diferentes violências e opressões foram reproduzidas em seu espaço, com grupos sociais que foram marginalizados, vivendo em terrenos loteados em espaços alagadiços de várzeas dos rios que a banham⁴ e outros privilegiados, na circulação e construção subjetiva. O traçado da cidade organizou as relações afetivas e sociais que seus

³ Palavra de origem tupi-guarani que possui duas etimologias: Caá-pãu (ilha de mato) e Caá-apoan (mato redondo). Tipo de formação vegetal presente nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil (CLE-ROT, 2011).

⁴ Rio Gravataí e Rio dos Sinos.

moradores estabeleceram com ela, o que foi determinante na sua construção histórica. Até o momento em que estamos escrevendo este texto, Canoas tem problemas com projetos urbanísticos, continuando ainda a sofrer com determinados zoneamentos, questões ambientais e segregação socioespacial, além de apagamentos socioculturais.

Graebin e Viegas (2008), ao tratar sobre segregações, discutem casos em dois Bairros de Canoas – Fátima e Mathias Velho –, reportando-se às origens destes, a partir das memórias de moradores mais antigos e do confronto com as memórias subterrâneas dos moradores mais recentes, que não têm seus corpos e identidades agregados à sua historicidade. Há uma história e memória oficial, de quem são os canoenses das décadas em estudo, como constroem territórios de existência e como seus corpos se movimentam nos movimentos urbanos, são questões postas para entendermos o modo de ser e funcionar do espaço urbano na relação direta deste com os corpos humanos.

Das diferentes versões sobre Canoas, circularam/circulam no imaginário de cada morador diferentes mapas afetivos. Na cidade das décadas de 1940 e 1950, para a mídia e autoridades políticas da época, “[...] *tudo estava por fazer* [...]” (*A Notícia*, 28/07/1940), dependendo-se das condições econômicas de Porto Alegre. Na promulgação da Primeira Lei Orgânica do Município, em 1947, o vereador Jacob Longoni discursava sobre as necessidades de aceleração do movimento de urbanização:

Temos que dar início às obras, devendo abrir todas as ruas traçadas, e as que se fizerem necessárias no perímetro urbano, obrigando assim, a urbanização e centralização da cidade, sem o que continuaremos como a lesma, só deixando um vestígio viscoso de nossa passagem (LONGONI, 1947).

Isto nos leva a pensar sobre os movimentos da relação cidade-corpos múltiplos. A fala de Longoni remete a corpos não humanos que apenas deixam marcas viscosas, mas que, em nosso entender, também tecem historicidades, implicados no ato de registrar e produzir saberes. É de se pensar sobre o estado associativo entre sujeito-lesma e o objeto cidade de Canoas, como isso se refletia nos corpos dos moradores. Rolnik explica:

Somos tomados por um estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam e que, no entanto, é real e apreensível por este modo de cognição que denomino “saber-do-corpo”. Aqui já não se trata da experiência de um indivíduo, tampouco existe a distinção entre sujeito e objeto, pois o mundo “vive” em nosso corpo sob o modo de “afectos” e “perceptos” e faz parte de sua/nossa composição em processo. Estes for-

mam uma espécie de germe de mundo que passa a nos habitar e que nos causa estranhamento por ser, por princípio, intraduzível na cartografia cultural vigente, já que é exatamente o que lhe escapa e a coloca em risco de dissolução. Sendo essas duas experiências indissociáveis e, ao mesmo tempo, irreduzíveis uma à outra, sua relação é paradoxal. Gera-se entre elas uma fricção que desestabiliza a subjetividade e a lança num estado de inquietação e mal-estar. O desejo é então convocado a agir, a fim de recobrar um equilíbrio vital. Esta é uma experiência inevitável, pois resulta da própria demanda da vida em sua essência de processo contínuo de transformação (2016, Doc. Eletrônico).

As concepções do vereador coadunam com as de outras autoridades e moradores pertencentes a segmentos sociais privilegiados, que primeiramente a entendiam como cidade-veraneio, após, como cidade-dormitório, tendo em vista que parte dos moradores exerciam atividades na indústria e no comércio de Porto Alegre. De acordo com o jornal *O Momento*, de 12/11/55, estatísticas demonstravam que aproximadamente 20.000 moradores se deslocavam diariamente para Porto Alegre para trabalhar, por falta de oportunidades onde residiam. Como anunciamos no início do texto, nosso roteiro está relacionado às estratégias de tornar Canoas uma cidade desejada. Nesse sentido, é relevante informar sobre o seu crescimento demográfico e econômico (HISTÓRIA, s/d, p. 139-140):

Populacional: 17.000 (1940); 40.000 (1950); 105.000 (1958).

Industrial: 53 (1940); 208 (1950); 262 (1958).

Comercial: 1.861 (1940); 486 (1950); 2.153 (1958).

Segundo Sezefredo Azambuja Vieira, Prefeito no período de 1956 a 1959, “[...] *Canoas se parece com uma criança que tenha crescido sob o signo de um gigantismo mórbido: é grande, mas é anêmica*” (HISTÓRIA, s/d, p. 66). Urgia transformá-la em cidade-industrial – outra pulsação que contaminou o entorno, suscitando políticas de ação. Ao compararmos a população entre 1950 e 1958, com o crescimento de estabelecimentos comerciais e indústrias, perguntamo-nos se 20.000 operários a se deslocar para trabalhar em Porto Alegre são indícios de uma cidade anêmica ou se, na época, a relação entre Canoas e Porto Alegre como corpos, suscitava na primeira gérmenes da segunda, provocando o desejo de expandir-se, pulsando, projetando outros modos de operar?

Assim, com base nos anseios e experiências dos homens públicos, bem como nas experiências de parte da população, o planejamento cidadão moveu-se pela busca de empregabilidade, com a urgência de instalação de Zona Industrial no município. Entre as políticas adotadas, o município

promoveu incentivos e isenções de impostos para atrair novas empresas. (HISTÓRIA, s/d., p. 91-92.)

A interferência na dinâmica e fluxos econômicos trouxe novas perspectivas, anunciadas pelo jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, em 27/03/1960:

É impressionante o desenvolvimento do fabuloso Parque Industrial de Canoas, é algo surpreendente a grandiosidade da implantação do parque industrial que se desenvolve com celeridade ininterrupta por todas as zonas do município e da cidade de Canoas. Hoje, sem dúvida alguma, Canoas se encontra entre os 10 principais municípios industriais do Rio Grande do Sul (HISTÓRIA, 2005, p. 113).

O crescimento industrial do município incentivou a criação, em 1965, da primeira Feira Industrial e Comercial de Canoas – FEICCA (HISTÓRIA, 2006, p. 198). Sua segunda edição ocorreria apenas em 1974 nas dependências do futuro Conjunto Comercial de Canoas⁵, primeiro shopping do Rio Grande do Sul, que se encontrava em construção. De acordo com testemunhos orais, o idealizador do shopping, Johannes Engel, foi um dos incentivadores para que empresas nas áreas comercial e industrial se estabelecessem em Canoas (GRAEBIN *et al.*, 2019). Matéria no jornal *O Timoneiro*, em 1966, ressaltava o crescimento industrial do município, informando sobre os principais setores industriais, entre eles produtos alimentícios, químicos, metalurgia, mobiliário (HISTÓRIA, 2006, p. 129-130).

O processo de industrialização em curso não deu respaldo para melhorias nos modos de organização social, com respeito à dignidade dos moradores, cuidados ambientais e boa convivência coletiva. Carência de iluminação pública, sistema de esgotos inexistente, problemas de abastecimento de água potável, condições insalubres nos bairros, loteamento abertos em áreas alagadiças, falta de atendimento na área da saúde, insuficiência de moradias para os trabalhadores que acorriam à Canoas, em busca de emprego, problemas com enchentes, sistema viário e telefonia insuficientes avolumavam-se, colaborando para o mau funcionamento da cidade.

As propagandas de vendas de terrenos, no Bairro Mathias Velho, na década de 1950, por exemplo, eram tentadoras, pois o futuro morador teria condições de “[...] retemperar o corpo e o espírito fatigado do ambiente asfíxiante da cidade [...]” (PENNA *et al.*, 2000, p. 22). Outros bairros, como Rio Branco e Niterói, habitados por pessoas de condições sociais menos

⁵ Inaugurado em abril de 1976.

favorecidas, passavam por calamidades em época de cheias. As piores ocorreram em 1963 e 1967.

As melhorias para sanar estes problemas não tinham em vista o bem-estar daqueles que já viviam na cidade, mas, sim, atrair novos loteamentos e instalação de mais indústrias. Em 1967, a Câmara de Vereadores aprovou projeto do executivo que alterava dispositivos da Lei nº 590, de 20.07.59, criando novas normas de infraestrutura para loteamentos industriais no município (HISTÓRIA, 2006, p. 136).

Seguindo a política de desenvolvimento industrial do Município, temos dedicado especial atenção à iniciativa privada, procurando, pelos meios à nossa disposição, atrair o maior número possível de empresas para cá, inclusive gerenciando junto aos órgãos estaduais no sentido de ser fixado neste Município um distrito industrial (HISTÓRIA, 2012, p. 47-48).

Para os trabalhadores, eram destinados terrenos em loteamentos abertos em zonas alagadiças, como noticiava o jornal *O Timoneiro*, em 1971, exemplificando o caso do Bairro Mathias Velho.

Os 30 mil habitantes atuais [do Bairro] logo atingirão, segundo a Prefeitura, os 100 mil, devido à realidade industrial da cidade, que precisa cada vez mais de operários. Geralmente oriundos do interior do Estado, eles chegam aqui com poucos recursos e se instalam naquelas zonas onde os terrenos são mais baratos, embora não ofereçam mínimas condições de habitabilidade (HISTÓRIA, 2012, p. 56).

Canoas atraiu grande contingente de migrantes que se fixaram em áreas irregulares, exigindo do poder público um esforço para prover infraestrutura, educação para crianças e jovens, serviços de saúde, construção de diques para conter os alagamentos, entre outros.

Foi neste contexto que o município passou a integrar a Região Metropolitana de Porto Alegre, criada em junho de 1973, mas com tratativas intergovernamentais – Prefeitura Municipal-Governo do Estado – desde o final da década de 1960. Notícia veiculada no jornal *O Timoneiro* (24 a 31/05/1969) dava conta de reunião ocorrida para “tratar assuntos da Região Metropolitana”, entre eles: “[...] transporte de passageiros (via férrea), a esperada estrada-livre (free-way), planejamento urbano de Canoas” (HISTÓRIA, 2012, p. 124).

Em abril de 1970, *O Timoneiro* informava sobre a criação do Conselho Metropolitano dos Municípios, para tratar do Plano Diretor da Grande Porto Alegre, composta pelos municípios de Canoas, Guaíba, Viamão, Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Sapiranga e Estância Velha. Projetava-se

que, no ano de 2000, o contingente populacional desses municípios seria de 9 milhões de habitantes. O Prefeito Hugo Simões Lagranha, em entrevista ao jornal, afirmava que “[...] *um dos objetivos do Executivo canoense para 1970 é a integração imediata de Canoas na área metropolitana de Porto Alegre*” (HISTÓRIA, 2012, p. 150).

À leitura que fizemos das memórias e de notícias de jornais, acrescentamos a de imagens fotográficas, voltando-nos, segundo a cartografia, para territórios e representações. Neste sentido, encontramos-nos, como pesquisadoras, trabalhando com o que vivenciamos e nos encontrando com possibilidades que as fotografias sugeriram e que consideramos potentes. As imagens são abertas; ao nos inserirmos nelas, estamos atentas às diversas linhas, montagens e pontos de fuga. Apresentando imagens fotográficas da cidade que habitamos, não estamos trazendo a imagem em si, mas queremos suscitar uma cartografia das sensações que tivemos ao trazê-las ao texto.

Examinamos coleções de imagens de Canoas nos arquivos anteriormente citados, sem saber o que iria nos atravessar, o que moveria nosso pensamento. Assim, compusemos um percurso de imagens no tempo, buscando traçar um desenho das transformações e/ou permanências da paisagem de Canoas.

Canoas, enchentes no Bairro Rio Branco (década de 1930)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Vista de Canoas, Bairro Centro Centro (décadas de 1940-1950)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Vista de Canoas, Bairro Centro (1953)



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

Vista de Canoas, Bairro Centro (décadas de 1950/1960)



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

Vista de Canoas – Periferia (décadas de 1960-1970)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Vista de Canoas – Periferia (década de 1980)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Vista de Canoas (décadas de 1980-1990)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

O ato de cartografar um espaço territorial, instiga mutações da subjetividade contemporânea. Ao vivenciar um espaço/tempo, este evoca-nos um repensar sobre o reposicionamento deste lugar, dentro das nossas concepções de lugar para viver e morar. Adotarmos a cidade de Canoas como um local de habitação remete-nos a uma noção de ambiente sociocultural, onde avistamos um conjunto dinâmico de vários universos imbricados entre si. Relações são estabelecidas, pois, além de morarmos, também trabalhamos na cidade, gerando um mapa de sensações que entraram em cena em nossa pesquisa. Os recortes da história da cidade, na contemporaneidade, intensificaram as sensações de ansiedade e medo, vivenciando a fragilidade da cidade, configurando um novo mapa de sensações atuais.

É claro, para nós, que a Canoas retratada neste texto não existe mais, foi remodelada e transmutada, mas a experiência de vivermos e convivermos com este novo local no século 21 também nos ajuda a contemplarmos o que este lugar se tornou. Uma mulher negra e uma mulher branca encontraram espaços de vida neste lugar, conseguindo escrever uma história pessoal aqui, resgatando nossa visibilidade e vibratibilidade do nosso corpo e emoções, dentro de um espaço subjetivo e objetivo ao mesmo tempo. Mesmo com uma imprevisibilidade de fatos que não garantam o que poderá ocorrer no futuro com a história da cidade, afirmamos que uma escolha foi feita, não com um poder absoluto de verdade, mas uma escolha pessoal, na qual, na expansão da nossa vida, ainda assumimos nosso lugar nesta cidade, chamando-a de minha cidade e minha Canoas metropolitana.

Referências

A NOTÍCIA. Canoas, 28/07/1940.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nove, 2011.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. *Emenda Constitucional nº 1*, de 17 de outubro de 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc01-69.htm. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. *Lei Complementar nº 14*, de 08 de junho de 1973. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp14.htm. Acesso em: 20 jan. 2023.

CALVINO, I. Os deuses da cidade. *GEOSP Espaço e Tempo* (on-line), [S. l.], v. 4, n. 1, p. 9-11, 2000. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2000.123399. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123399> Acesso em: 7 nov. 2022.

CLEROT, Leon Francisco Rodriguez. *Dicionário Etimológico Tupi-Guarani*: termos geográficos, geológicos, botânicos, zoológicos, históricos e folclóricos de origem tupi-guarani, incorporados ao idioma nacional. 1. reimp. Brasília: Senado Federal, 2011.

GRAEBIN *et al.* *CICS Canoas: História, Ideais & Inovação*. Canoas: Quatro Estações, 2019.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; VIEGAS, D. H. Migração e segregação urbana: estudos de caso em uma cidade metropolitana (Canoas-RS). *Travessia*, São Paulo, v. XXI, p. 33-37, 2008. Disponível em: <https://www.revistatravessia.com.br/travessia/article/view/531/490>. Acesso em: 22 jan. 2023.

HISTÓRIA de Nossos Prefeitos – Hugo Simões Lagranha. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2006.

HISTÓRIA de Nossos Prefeitos – Hugo Simões Lagranha. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2012.

HISTÓRIA de Nossos Prefeitos – Sezefredo Azambuja Vieira. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, s/d.

LONGONI, Jacob. *Discurso por ocasião da promulgação da primeira Lei Orgânica do Município de Canoas*. 1947. Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

PENNA, Rejane *et al.* *Canoas – Para lembrar quem somos: Centro*. Canoas: Gráfica La Salle, 1996.

PENNA, Rejane *et al.* *Canoas – Para lembrar quem somos: Centro*. Canoas: Gráfica La Salle, 2000.

ROLNIK, Suely. A hora da micropolítica. Re-Visiones. Aurora Fernández Polanco; Antonio Pradel. Tradução: Michael Kegler. Versão reescrita de trechos da entrevista originalmente publicada pela revista *Re-visiones* (# Cinco – Madrid, 2015). Disponível em: <http://www.re-visiones.net/spip.php%3farticle128.html>. Junho de 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entrevista-com-suely-rolnik-a-hora-da-micropolitica/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina/Ed. da UFRGS, 2011.

SIGNORI, Adilar. Sem Título. In: MARTINS, Ancila Dani (org.). *Casa do poeta: VII coletânea – poesia, crônica e conto*. Canoas: TecnoArte, 2022. p. 88-91.

VERÍSSIMO, Érico. *Um lugar ao sol*. Porto Alegre: Globo, 1976.